

*Gian Danton*



*Amores Góticos*

# **AMORES GÓTICOS**

**Gian Danton**

# ÍNDICE

[APRESENTAÇÃO](#)

[ELIZABETH](#)

[SAYONARA](#)

[TEATRO DOS VAMPIROS](#)

[INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR](#)

# APRESENTAÇÃO

Amor e morte. Eros e Thanatos. Essa é a essência de muitas histórias, em especial do romantismo gótico.

Surgido no início do século XIX, esse movimento procurava resgatar a magia e o mistério de um passado imaginário, onde fantasia se confundia com realidade. Todas as histórias de terror modernas são filhas desse movimento, em especial as de vampiros.

As histórias que compõem esse volume buscam resgatar exatamente esse aspecto de amor e morte e a essência dos vampiros como um mito de sexualidade e perigo.

Essas histórias foram escritas no início dos anos 1990 e publicadas em fanzines. Podem ser consideradas como pioneiras ao lidar com os vampiros em nosso país.

Apesar de já terem se passado mais de 20 anos, eu ainda gosto delas. Numa época de vampiros e zumbis emos parece mais importante do que nunca resgatar a tradição narrativa gótica.

# ELIZABETH

*“Eu morreria por você*

*Na guerra ou na paz*

*Sem saber como sou capaz”*

**Ira!**

Nuvens negras se avolumavam no horizonte. Hugo olhou à volta , à procura

de abrigo. O vento soprava forte, uivando.

Ao longe, numa região abandonada do horizonte, parecia haver uma casa.

Talvez conseguisse chegar a tempo, se corresse.

Amaldiçoou a mochila, que pesava nas costas. Os tênis também estavam gastos na sola, dificultando a corrida.

Atrapalhado pelo cabelo esvoaçante, ele olhou para trás: as nuvens compactas continuavam avançando como uma nave gigantesca, pronta para pousar.

Houve um silêncio só quebrado pela respiração ofegante e pelo trotar da corrida . A natureza permaneceu assim, muda, até que começassem a cair os primeiros pingos de chuva.

Hugo já estava parcialmente molhado quando alcançou a varanda do casarão antigo. Encostou ofegante em uma das vigas que sustentavam o teto. A madeira rangeu. Ele respirou fundo, inspirando pelas narinas e soltando pela boca. Fez isso até que o coração diminuísse as batidas. Só depois entrou na casa.

O casarão devia ter sido construído há bem mais de um século. Talvez dois. Incrivelmente, podia-se observar ainda alguns móveis não destruídos pelo tempo. Viu uma pintura , um retrato oval pendurado na parede de uma das salas . Representava uma mulher incrivelmente branca, de uma beleza angelical. Tinha lábios pálidos e olhos de morta. Teria ficado horas lá, observando o retrato, se não

---

tivesse necessidades mais preeminentes. Tinha fome.

Andando com cuidado, temeroso de que o chão pudesse ceder com seus passos, Hugo percorreu vários cômodos até chegar à cozinha . Havia um fogão à

lenha no compartimento. Examinou-o. No meio da poeira e das telhas de aranhas

achou um livro. Tinha uma parte da capa e da folha de rosto queimados, mas o

miolo se conservara quase que completamente intacto. As paginas, num papel grosso, não ultrapassavam 50 e a maior parte ainda estava em branco, como pôde

verificar ao acender um fósforo. Em todo caso, era providencial. O papel viria bem

a calhar na confecção da fogueira .

Hugo recolheu alguns restos de madeira dos móveis e pôs ao lado do fogão.

Desfez alguns, os mais podres, com um canivete. Arrancou algumas paginas do

livro. Amassou o papel e rodeou-o de pequenos gravetos. Inflamou-os rapidamente

---

com um fósforo que tirou da mochila. Continuou arrancado paginas e alimentando

o fogo até que ele se tornasse forte.

Lá fora a chuva continuava . Raios tremendos iluminavam a cozinha através

da janela de madeira destrocada. Hugo retirou da mochila uma raiz de mandioca,

descascou-a e colocou sobre o fogo. Durante dias aquilo havia sido seu único

alimento, desde que roubara as raízes numa plantação de beira de estrada.

Enquanto esperava que a mandioca assasse, sentou numa cadeira. Foi

quando seus olhos deram com o livro . Observou que não avia mexido na parte

manuscrita. Assim, pegou-o, afim de se distrair enquanto esperava. Como já

percebera antes, apenas algumas poucas páginas estavam escrita, numa letra

inconstante.

Leu :

*Conheci Elizabeth enquanto estudava na Europa . Fora me apresentava*

---

*por uns amigos . Encantei me com ala Sua pele era de uma brancura indizível.*

*Tinhas cabelos negros, olhos da mesma cor e era muito magra . Mas, Ah !  
Que*

*bela e que misteriosa que era! Ver seus lábios brancos se abrindo era um deleite*

*para poucos. Pouco falava e dificilmente sorria.*

*Apesar da timidez de ambos, enamorei-me dela e decidi trazei-la comigo*

*para o Brasil quando tive notícias da morte de meu pai. Que eu soubesse, não*

*havia qualquer impedimento da parte de Elizabeth... até então vivera em pequenas*

*pensões, sozinha . Não tinha família, ou, se tivesse, deviam ter sido esquecido dela.*

*O fato é que alegrou-se com o convite. Estávamos apaixonados e a*

*perspectiva de vivermos juntos nos deixava imensamente felizes.*

*Já na viagem arrependi-me. Elizabeth enjoara com o mar e passava quase*

*todo o tempo no camarote, de cama.*

*O navio em que viajávamos levava também uma carga de cavalos. Eram*

---

*animais de raça, encomendados por algum rico fazendeiro do Império. Foi com*

*eles que aconteceu o único incidente digno de nota de toda a jornada.*

*Certa noite agitaram-se todos no porão. Relinchavam e batiam os cascos na*

*madeira do navio. A algazarra chamou atenção de toda a tripulação.*

*Vários marinheiros desceram rapidamente para o porão. Quando lá*

*chegaram o barulho diminuía. Os animais, no entanto, ainda estavam nervosos,*

*ao redor de um deles caído no chão.*

*Estava morto. Os pêlos do pescoço e a parte da cabeça estavam encharcados de sangue.*

*Foram cogitados milhares de hipóteses para a morte do animal. Talvez estivesse doente e batera no casco do navio, talvez houvesse sido atacado pelos*

*outros... O mistério, entretanto, persistiu.*

---

*Estranhamente, Elizabeth passou a se sentir melhor desse dia em diante.*

*Fazia até caminhadas pelo convés do navio, algo de todo inconcebível há algum*

*tempo.*

*Desembarcamos no rio de Janeiro e levamos ainda algum tempo viajado até esta*

*fazenda. Minha mãe, vestida de luto, esperava-nos. Menti para ele que havia me*

*casado com Elizabeth em Portugal , mas nem isso foi capaz de convencê-la. Tinha*

*uma estranha aversão por minha esposa. Persignava-se sempre que a via.*

*Talvez já adivinhasse a própria morte . Eu descii ao túmulo um mês depois de ter chegado à fazenda.*

*Tinha temores de que Elizabeth lhe seguisse o caminho . Comia pouco e estava cada vez mais magra .*

*Foi por esses tempos que ocorreu um fato revelador . Um dois*

---

*escravos se rebelava contra o capataz , atacando-o . O pobre homem teria morrido*

*, não fosse a providencial ajuda de outros empregados .*

*Achei que fazia bem em dar uma demonstração de força e garantir minha autoridade.*

*Mandei prender o escravo ao pelourinho e fiz com que o chicoteassem. O negro agüentava firme, mas, à medida que as tiras de couro começaram a arrancar espirros de sangue, entrou a gritar de dor.*

*Elizabeth assista a tudo impassível , embora seus olhos brilhassem como se*

*estivessem grande interesse no episódio.*

*De madrugada, eu estranhei que Elizabeth não estivesse do meu lado.*

*Procurando por ela, assomei à janela e percebi um vulto branco se movimentando*

*lá fora. Apressei-me. Desci as escadas e abri as portas da frente da casa-grande.*

---

*O que vi me deixou paralisado. Elizabeth estava lá fora, junto ao pelourinho. Lambia as feridas ensangüentadas do negro. Senti nojo.*

*Dominando meu ciúme, lembrei-me do episódio do navio, com os cavalos, e*

*de com ela se sentira bem no dia seguinte. Antigas lendas me vieram à mente.*

*Historias de pessoas que necessitavam de sangue ...*

*Algum tempo depois ela voltou para casa. Fingi que estava dormindo.*

*Minhas suspeitas se confirmaram no dia seguinte: Elizabeth estava exultante, como se tivesse renascido.*

*Esperei até que anoitecesse. Quando nos preparávamos para dormir, retirei da*

*gaveta uma adaga e cortei próximo ao pulso. Aproximei-me de Elizabeth, estendendo-lhe o ferimento. Ela inicialmente fingiu repulsa, mas seus olhos*

*brilhavam. Como que dominada por um instinto indomável, Elizabeth puxou meu*

*braço e passou a lambar o corte. Jamais a vi tão feliz, com o liquido rubro a*

---

*escorrer-lhe da boca. Nos amamos como nunca.*

*A parti de então, todas as noites realizávamos o mesmo ritual. Entretanto, o que*

*para ela era vida, ia se tornando morte para mim. Percebi , assim, que meu sangue*

*jamais seria suficiente.*

*Embora a medida me causasse repugnância, passei a ordenar que toda noite me fosse trazida uma escrava ou escravo. A pobre criatura era amordaçada,*

*amarrada e vendada. Eu fazia uma incisão em seu braço e Elizabeth lambia até*

*que a pequena fonte cessasse.*

*Tais coisas fizeram com que os negros tomassem um medo místico da casa*

*grande .*

*Hoje , quando escrevo estas palavras , já se passaram anos que chegamos aqui .*

*Estou assustado . Os negros andam dominados por um medo incontrolável.*

*Aguardo a revolta . No meio da noite , de qualquer noite , isso acontecerá . Talvez*

*nos matem , talvez destruam o casarão . E estou impotente . Boa parte dos fatores*

*já se foi e não consigo mais convencer outros a trabalhar para mim.*

*Enquanto aguardo o fim, lembro de um tempo que se perdeu na memória.*

*Uma era de felicidades e belezas sem fim . Isso não poderá ser queimado ou*

*destruído.*

*Gostaria apenas de estar certo que Elizabeth sobreviverá , como tem sobrevivido*

*até aqui ... Mas , mesmo que meu corpo seja destruído, o meu amor por ela jamais*

*morrerá e talvez isso a salve. É QUE PEÇO A DEUS.*

Hugo fechou o livro e cerrou os olhos . Havia ainda algumas palavras

borrados ou queimadas . Mas já bastava . Lá fora a tempestade diminuía . Agora

podia-se ouvir o barulho das goteiras e da lenha estalando no fogo .

---

Estava assim , absorto , quando imaginou ouvir gemidos. Abriu os olhos, assustado. A luz vermelha do fogo tingia de sangue as paredes. Nada. Nenhum som estranho.

Levantou-se. Usou o canivete para retirar a mandioca do fogo. Então ouviu novamente o gemido alto e forte vindo do porão. O susto fez com que tocasse na grelha, queimando a mão.

Hugo levou a mão à boca. Permaneceu assim algum tempo, tentando identificar o som. Ao sair da cozinha, o canivete na mão, percebeu que os gemidos aumentavam. Descobriu, ao lado do armário, um buraco.

Recuou até a cozinha, incomodado pela dor da ferida, e retirou da mochila alguns trapos. Enrolou-os num pedaço de madeira e aproximou do fogo. Depois voltou para o buraco. Iluminando-o com a tocha, percebeu que havia uma escada.

---

Desceu os degraus levantando a tocha acima da cabeça e segurando na borda de madeira. O chão, de terra batida, era firme. Os gemidos continuavam, agora mais fortes. Pareciam, agora, formar palavras. Ratos guinchavam, correndo de um lado para o outro.

Houve um movimento atrás de uma pilastra. Um vulto branco se encolhia no chão. Aproximando a tocha, Hugo percebeu a pele alva e os cabelos negros.

Elizabeth levantou os olhos e implorou:

- Sangue!...

# SAYONARA

*"É saudade então*

*E mais uma vez*

*De você fiz o desenho mias perfeito que se fez:*

*Os traços copieei do que não aconteceu.*

*As cores que escolhi entre as tintas que inventei*

*Misturei com a promessa que nós dois nunca fizemos*

*De um dia sermos três"*

## **Legião Urbana**

A verdade é que nem me lembro ao certo de quando a vi pela primeira vez. O que me recordo é de uma tarde cinzenta, com nuvens escuras no céu, anunciando a chuva.

Estava andando pela ruas movimentadas do centro quando a vi, no meio da multidão. As vestes árabes cobriam todo o corpo e escondiam a maior parte do rosto. Passaram-se apenas alguns segundos antes que eu a perdesse de vista, mas foi como se ritmo das coisas tivesse se alterado.

---

Como se um único segundo durasse todo um século. Diante dela, até mesmo

os pássaros do céu pareciam movimentar-se lentamente. Abriam e fechavam

vagarosamente as asas, e lançavam através das nuvens um pio estridente que

se perdia no horizonte.

Inclinei a cabeça para o lado e a acompanhei com os olhos até que desaparecesse na multidão de cabeças anônimas. Só então o mundo voltou ao normal.

Mas não eu.

Não dormi naquela noite e nem nas seguintes. Mergulhei numa orgia de vinhos e jogos. Durante o dia, tendo os sentidos enevoados pelo sono e pela bebida, caminhava trôpego até a mesquita e permanecia lá, em estado de completa letargia. Era perseguido por um mal que perseguia desde o nascimento. Eu tinha medo. Não de fantasmas, bandidos, armas ou feras...

Eu tinha medo de pessoas.

---

Desde a mais tenra idade eu fugia delas. Evitava multidões e corria de aglomerados. Ainda moço me colocaram num colégio interno. Foi na época da expansão cultural árabe. A religião de Maomé se espalhava pelo mundo através de missionários e crescia com a mesma rapidez com que suas mesquitas eram construídas. A Amazônia, última área verde do planeta, oferecia grande campo de difusão. Assim, os minaretes despontavam por entre as árvores...

Apesar disso, meus pais decidiram me internar num colégio tradicional, de fé católica. Antes não o fizessem. Os outros alunos me repugnavam. Eu permanecia em minha carteira, no canto mais escondido da sala, remoendo considerações sobre algum detalhe novo no solo. Uma minúscula formiga era o bastante para despertar minha atenção por longos minutos.

Qualquer tentativa de aproximação dos outros internos se revelava infrutífera. Era como se não existissem.

---

Esse comportamento, evidentemente, despertou a atenção daqueles que fazem do sofrimento alheio a sua própria alegria. Tornei-me alvo de brincadeiras e insultos que me magoavam profundamente quando meu estado de topor me permitia percebê-los.

Comecei, então, a acreditar que todos que se aproximavam de mim tinham a mesma intenção e me afastei mais completamente de todos. Passei vários anos assim, apartado do mundo, mergulhado nos livros, até que a morte súbita de meu pai e, posteriormente, de minha mãe, me levasse a assumir a herança.

Comprei uma velha casa de dois andares e me enfurnei nela. Amava a noite pela sua solidão e odiava o dia. Ganhei com isso um horror doentio ao sol. O dia e eu convivíamos apenas quando nuvens escuras escondiam o astro-rei, como naquele em que encontrei Sayonara.

Esse era seu nome. Visitei vários dias a Mesquita, até que ouvisse chamá-la pelo nome. Vislumbrei seus dedos brancos, pequenos e finos

---

manipulando uma espécie de terço. Calculei a branquetude do corpo por debaixo das roupas. Extasiei-me com seus cabelos quase loiros e lisos, que eu entrevia por debaixo do véu. Gastei nisso uma semana, observando-a, indiferente ao que acontecia à minha volta. Só então reuni coragem para falar-lhe.

Como descrever o que vi? Como dar idéia dos sentimentos que me arrebatavam enquanto eu ouvia sua voz fina, quase infantil?

Seu jeito meigo, seus gestos suaves, mas firmes... como descrevê-los? Passava os dias assim, observando-a rezar o terço de osso de camelo incrustado de pequenas pedras douradas, que seguiam nas mais variadas direções, compondo desenho geométricos de incrível beleza. Dominado pelo mal que me assolava, passei a ver naquele conjunto de pedras a própria essência de Sayonara.

Dormia pouco de noite. Passava as noite cambaleando pelos bares, sentado nos cantos mais escuros e úmidos, degustando vinho plebeu em canecas de ferro que pareciam nunca ter visto água.

Foi numa dessas noites que ela me encontrou. O chão de pedras reboou os passos de suas botas de couro com pontas finas. Ela andou até o balcão e resmungou algo para o bolconista. Pegou, então, uma caneca com os dedos finos e brancos e me olhou. Segundos depois a calça jeans apertada roçava a cadeira ao meu lado. Ela se inclinou - a camisa preta revelando um tórax tão ou mais branco que os dedos, e disse algo.

O álcool tinha galopado pelo meu sangue na direção do cérebro.

Com efeito, tudo que minha maldita memória me permitia recordar é de seus olhos injetados de sangue. Pareciam olhos velhos. Velhos como o mundo... como se tivessem presenciado todas as desgraças de todos os tempos: os horrores da guerra dos cem anos, a morte dos inocentes na Revolução Francesa, o massacre de estudantes na Praça da Paz Celestial, em Pequim. Olhos velhos e cansados...

Parecia ouvir uma canção, vinda sabe Deus de onde:

"Uma nuvem encontre o céu, uma sombra envolve o seu olhar. Você olha ao seu redor e acha melhor parar de olhar. São olhos iguais aos seus, iguais ao céu ao seu redor..."

Algumas canecas de vinho depois, perdi a consciência. Acordei num quarto escuro e ela ao meu lado. Ficamos abraçados, sentindo a pele um do outro: sua epiderme conseguia ser ainda mais branca que a minha, fazendo crer que o sol jamais a havia maculado.

Por todo o resto da noite mergulhamos um no outro. Fizemos tudo que a torpez do álcool nos permitia, ou nos exigia. Em pouco tempo, não diferenciava o meu corpo do dela. Escorria como mercúrio pela sua pele alva, seus seios pequenos, seus cabelos lisos brancos iluminados pela luz mórbida de uma vela...

Acordei no dia seguinte com o estômago embrulhado, a cabeça martelando e um gosto de ácido na boca. Depois de uma longa caminhada cheguei em minha casa e despenquei sobre uma poltrona. Fiquei lá, sem

---

coragem para me levantar. Pensava em Sayonara, e na outra, da qual não sabia nem mesmo o nome...

O vinho arrancou de mim todo e qualquer remorso pela traição. Continuei visitando Sayonara de dia, ouvindo sua voz fina de criança, deliciando-me com seu jeito virginal...

Amava Sayonara de dia e me encontrava com a outra de noite.

Dividia minha paixão entre as duas: a beleza infantil de uma na aurora e a segurança e a sensualidade de outra ao crepúsculo. Esta fazia de mim um objeto de seus prazeres. Dominava-me por completo e desaparecia antes que o sol nascesse, deixando-me completamente exausto e bêbado.

O tempo se encarregou de ir tornando essa relação ainda mais doentia. Quis fugir. Entrava nos bares mais escondidos, nos locais mais obscuros... mas ela sempre me achava.

Como um viciado em ópio, que não pode prescindir de seu próprio

---

veneno, eu a seguia... e terminávamos as noites, inevitavelmente, em orgias descontroladas.

Uma noite resolvi não sair, estava decidido a resistir. No céu uma tempestade se formava com imensas nuvens de chuva juntando-se em grandes trovões que retumbavam nos alicerces do casarão. Um vento forte uivava, fazendo com que as árvores sacudissem violentamente seus galhos.

Um barulho metálico chamou minha atenção. Era ela que, de alguma maneira, abria a porta. Perseguia-me!

Um relâmpago entrou pela janela e iluminou seu rosto branco, as pequenas rugas nos cantos dos olhos injetados de sangue, os lábios quase transparentes...

Então o ódio se apossou de minha alma. Lembrei de Sayonara, do seu jeito angelical, do amor puro que sentia por ela, e envolvi o pescoço da outra com meus dedos trêmulos. Ela tentou lutar, agitou os braços,

---

escorregou. Seus olhos ficaram ainda mais injetados de sangue. Depois cedeu, deixando cair os braços ao longo do corpo. Antes de morrer ela me lançou um último olhar de carinho. Seu corpo ficou mole e eu segurei. Foi quando meus dedos tocaram em algo no bolso de sua calça. Pequenas protuberâncias se avolumavam nele.

Nervoso, retirei o objeto. Era o terço, o terço de Sayonara, incrustado de pedrinhas douradas. Olhei para o corpo em meus braços e vi nele a expressão virginal de Sayonara, os dedos pequenos, a pele branca... Só então compreendi!

Envolvei-a com meus braços e depusitei em seus lábios um último beijo de adeus...

# TEATRO DOS VAMPIROS

**“Em certo dia, à hora, à hora  
da meia-noite que apavora”**

Edgar Allan Poe

Era outono. As árvores perdiam gradativamente as folhas e iam ganhando cor acizentada.

Eu e minha avó havíamos ido a uma cidadezinha do interior de Minas. Uma cidade pequena, chamada Lavras. Era toda ela cortada por uma rua que ia da rodoviária à estrada de ferro. Como disse, uma cidade pequena. Duas ou três praças, uma igreja matriz, um velho colégio...

Era outono e, de certo forma, é como se a cidade se adaptasse à paisagem outonal. Os velhos colocavam cadeiras à frente das casas e se divertiam vendo os passantes. As rugas de seus rostos se misturavam à pintura carcomida das casas. Era como se toda a cidade andasse a passos lentos, parando aqui e ali para cumprimentar conhecidos. Como um vento fraco e frio de outono.

Havíamos ficado na casa de uma amiga, uma senhora gorda, de 40 anos, mãe de uma bela moça. Gostava de rir, balançando a gordura acumulada ao longo de anos de calmaria.

Para máximo contraste, a filha era tímida e quieta. Chamava-se Eleonora.

Eu estaria mentindo se dissesse que me apaixonei por Eleonora logo que a vi. Mas como o tempo seus olhos pequenos e negros me cativaram. Ela tinha cabelos negros e curtos. O pescoço era firme, longo e sensual. Sua

pele, branca, tão branca quanto eram negros seus cabelos e seus olhos. Ela era miúda, tinha mãos e pés delicados e lábios finos.

A moça tinha um temperamento melancólico. Falava pouco e sorria menos ainda.

Entediado com a cidade, empenhei-me em minha atividade predileta: achar sebos. Sempre tive a capacidade de encontrar sebos onde eles parecem inexistentes. É como um instinto, uma premonição. Ou como se eu os descobrisse pelo cheiro. Oh, que aroma maravilhoso têm os sebos! Muitas vezes nem mesmo é necessário comprar os livros. Basta olhá-los, tocar neles, sentir-lhes a textura, ou simplesmente cheirá-los.

Embora a mãe de Eleonora me garantisse que não existissem sebos na cidade, não tive qualquer dificuldade para encontrar três deles. Passava a maior parte de meu tempo livre visitando-os e foi assim que encontrei uma verdadeira pérola esquecida: um livro encadernado em capa dura, com toda a obra de Edgar Allan Poe.

O autor de O Corvo me proporcionou horas e horas de prazer e fez com que, finalmente, me sentisse satisfeito com minha estada em Lavras. É que Poe é daqueles escritores que exigem de nós toda atenção. Ler Poe em local agitado é perder metade de Poe.

E Eleonora acabou se revelando uma apaixonada leitora. Às vezes disputávamos o livro. Em outras ocasiões eu lia para ela, e ela me abraçava e fechava os olhos, inebriada:

*Em certo dia, à hora, à hora*

*Da meia-noite que apavora,*

*Eu caindo de sono e exausto de fadiga*

*Ao pé de muita lauda antiga,*

---

*De uma velha doutrina agora morta,*

la pensando, quando ouvi à porta

*Do meu quarto um soar devagarinho*

*E disse estas palavras tais:*

*“Há de ser alguém que me bate à porta de mansinho;*

*Há de ser isso e nada mais”.*

Era como se pudéssemos ouvir os barulhos na porta, como se víssemos o corvo entrar pela porta e ir empoleirar-se sobre as estantes, repetindo inexpressavelmente sua sentença: “nunca mais! Nunca mais!”.

A maneira como Eleonora me abraçava permitia perceber não apenas medo, mas também amor. Com o tempo nossa relação foi se tornando uma paixão juvenil, tão inocente quanto nossas brincadeiras.

Minha estada em Lavras teria ficado nisso, não fosse um acontecimento insólito, que mudou completamente o rumo de nossas vidas.

Lavras é uma cidade, essencialmente, universitária, embora alguns moradores mais antigos não gostem dos estudantes. E esses jovens juntam-se em repúblicas. O que se passava dentro delas era assunto das fofoqueiras da cidade.

Devo admitir que muitas repúblicas se esforçavam o tanto quanto podiam para chamar atenção. Uma delas, o Clube do Fogo do Inferno, foi a causa principal da tragédia que desabou sobre nossa vida.

O clube se dizia composto por vampiros. Eles realizavam rituais públicos em que uns cortavam os pulsos para outros lhes sugassem o sangue.

Tal exibicionismo acabou chamando a atenção dos católicos da cidade. O padre chegou a fazer um sermão sobre o que chamou perversão da juventude. No entanto, quanto mais reprovado, mais o clube ganhava adeptos. Era a curiosidade que chamava os jovens.

Foi justamente a curiosidade que me levou a me aproximar do clube do fogo do inferno. Cheguei a ver um ritual deles, feito em praça pública, para máxima revolta dos carolas. Eles bebiam e dançavam como loucos. Diziam frases incompreensíveis e alimentavam uns aos outros com sangue. Mas aquilo era o que podia ser mostrado. Ninguém sabia o que acontecia no prédio da república, uma velha casa na qual diziam ter sido assassinada uma família.

Conversei com o líder do grupo. Era um rapaz loiro, de longos cabelos desgrenhados, chamado Solferi.

Ele me olhava diretamente, como se cada olhar fosse um desafio.

Seus gestos eram de uma fera que cerca a presa. E foi justamente de feras que ele me falou.

- A fera é a natureza primária e animalesca do ser humano. Por milhares de anos nós fomos caçadores. Agora somos burgueses gordos e ociosos. Algo se perdeu. Algo ficou para trás, na emoção da caçada, na adrenalina da perseguição... o desejo insaciável por sangue quente! Quando nossos ancestrais abatiam a caça, a primeira coisa que viam era o sangue esguichando. Era a primeira coisa que comiam. É justamente isso que um vampiro recupera. Ele tem de volta a fera, a besta há muito enterrada por séculos e séculos de falsa civilização. Torne-se um de nós...

- Eu não sei... – gaguejei.

- Escute, Rafael: na natureza há apenas dois tipos de animais. Apesar de todas as tolas classificações de Aristóteles, há apenas dois tipos: os caçadores e as vítimas, os que comem e os que servem de comida. Eu lhe dou tempo para decidir sobre qual dos dois quer ser. Você terá até Sexta-

feira, quando haverá uma iniciação no Clube do Fogo do Inferno. Mas pondere com atenção. Se decidir ser um de nós, não poderá jamais voltar atrás. Se entrar no clube e decidir ser novamente um humano normal, nada poderá livrá-lo de nossa fúria. Nós iremos até os últimos recantos do mundo à sua procura. Não haverá lugar para ir, nenhum esconderijo seguro...

Ele falava e seus olhos injetavam-se de sangue, ainda mais ameaçadores. Respondi que precisava pensar e saí dali.

Na Sexta-feira eu fui para a frente do casarão. Eram dois andares em estilo antigo. Devia remontar ao início do século, mas seria difícil associá-lo a qualquer corrente arquitetônica. O arquiteto parecia ter sido assombrado por demônio que dirigiam suas mãos, pois havia, aqui e ali, figuras em alto-relevo, misturas de querubins e demônios.

Fiquei longo tempo lá, parado, observando as pessoas entrarem e tentando adivinhar o que se passava lá dentro.

O que me vinha à vista era uma mistura indistinta de luzes nas mais variadas cores. Sendo uma luz irregular, imaginei que fossem provenientes de velas. A variedade de cores parecia ser em decorrência do uso de filtros.

Quanto aos sons, era uma babel de frases cujo sentido me escapava completamente. Além disso havia o retumbar monótono de um tambor. De quando em quando podia-se ouvir uma risada e um grito, de dor ou prazer – era impossível distingui-los.

Fiquei lá longo tempo, tentando decidir se entrava ou não. Por fim, a razão foi mais forte que a curiosidade e eu acabei voltando para casa.

Chegando lá, procurei por Eleonor e não a encontrei. Um estranho sentimento se apossou de mim.

Corri o mais rápido que pude para o casarão. Mas era como se minhas pernas me traíssem. Talvez tudo não passasse de fruto de minha imaginação

excitada, mas eu tinha impressão de que não corria. Era como se lutasse contra um fluxo invisível de energia, que diminuía o meu avanço.

Quando cheguei em frente ao casarão, faltavam apenas alguns segundos para a meia-noite. Estaquei, indeciso sobre o que fazer.

Nisso um relógio (de onde saíra aquele relógio? Onde estava?) badalou meia-noite.

O último badalo foi seguido por um grito profundo e agudo. Era Eleonor.

Não precisei ir até ela. Ela mesmo desceu titubeante as escadas de pedra. Então se abraçou a mim, chorando baixinho e repetindo baixinho:

- Você não sabe o que eu fiz! Você não sabe o que eu fiz!

Tentei consolá-la afagando seus cabelos e repetindo palavras de conforto, mas quando ela levantou a cabeça, me olhando nos olhos, recuei assustado. Havia algo de estranho com seus olhos... eram... eram olhos de morta.

A pele estava muito branca e seus caninos haviam crescido inexplicavelmente e deles pendiam gotas de sangue.

- Meu Deus, o que fizeram com você! – exclamei.

(Olhos de morta)

Lá dentro uma frenética agitação traduzia-se em rumores, gritos e gemidos que antecipavam uma explosão de fúria.

Peguei Eleonor pela mão e fui puxando-a pela rua.

- Você não percebe? Não temos como fugir. – dizia ela.

(Olhos de morta)

Chegamos à casa da mãe de Eleonor. Entrando lá, arranjei uma mochila, coloquei nela algumas roupas e o livro de Edgar Alan Poe.

Então partimos. Mal havíamos avançado alguns metros, ouvi risadas. Olhei por cima dos ombros e vi um grupo de rapazes. Seus olhos brilhavam como olhos de gatos e os caninos eram perfeitamente visíveis.

Puxei Eleonor para junto de mim e apressei o passo. Foi quando um deles apareceu à minha frente.

(De onde? De onde saía ele?)

Ele pulou sobre mim, fazendo com que eu caísse de costas. Segurava meus ombros e tentava a todo custo me morder com seus grandes caninos. Felizmente minhas mãos alcançaram uma pedra. Acertei-o na boca e um jato de sangue espirrou sobre mim.

Não esperei para ver o resultado de meu ataque. Levantei-me, peguei Eleonor pela mão e tornei a correr. Passando por uma cerca de madeira, agarrei um pedaço de pau com a ponta afiada. Bem a tempo para que eu o usasse para furar um vampiro que pulava sobre mim. Ele caiu sobre o chão e começou a se contorcer, como um epilético. Os outros pararam, assustados com o que viam.

(Ele está morrendo! Ele está morrendo! O caçador tornou-se presa!)

Aproveitei o momento de confusão e fugi com Eleonor. De alguma maneira eu sabia que bastava que alcançássemos a fronteira da cidade para estarmos livres, por enquanto.

Acho que nunca corri tanto em minha vida. Eleonor mal conseguia andar. No final, eu já era obrigado a arrastá-la.

Havia um cemitério no final da cidade. Nós o atravessamos, preocupados. Era como se a qualquer momento uma daquelas tumbas pudessem se abrir e sair delas algo para nos atacar. Felizmente o dia já ia raiando e alguns raios de luzes incidiam sobre o caminho que percorríamos.

---

Sáimos em uma estrada. Eu fui até o acostamento e deitei Eleonor na relva, colocando sua cabeça sobre meu colo.

Para acalmá-la eu recitava versos de Poe.

Ela adormeceu e eu também já estava quase dormindo quando passou por nós um mendigo.

Ele parou, olhou para nós como se nos conhecesse e disse:

- Ela fez algo de muito errado hoje, meu jovem. E vocês vão passar o resto de suas vidas fugindo por causa disso.

Eu não acreditava em meus ouvidos. Como ele poderia saber da história?

- O que... que você disse? – indaguei.

Ele apertou a cabeça com as mãos e deu um longo gemido.

- Ah, não tô nada bem... não tô nada bem... você me arranja um pouco de pinga?

Fiz uma careta dando a entender que não tinha entendido.

Ele me ignorou completamente e continuou a caminhar, cantarolando um música sem sentido.

Ele tinha razão. Agora tudo que poderíamos fazer era fugir...

# INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Gian Danton (pseudônimo de Ivan Carlo Andrade de Oliveira), é jornalista, roteirista e escritor e professor da Universidade Federal do Amapá. Mestre em comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo.

Sua produção literária, grande parte sob o pseudônimo de Gian Danton, inclui participação nas coletâneas Rumo à Fantasia (Devir), Espectra (Literata) e outras. É autor da série infantil Mundo Monstro publicada pela editora Infinitum.

Também sob o pseudônimo de Gian Danton, tem produzido roteiros de quadrinhos desde 1989, quando estreou na extinta revista Calafrio, em parceria com o consagrado desenhista Joe Bennett. Sua produção de roteiros para quadrinhos inclui histórias para as editoras Nova Sampa, ICEA, D'arte, Brazilian Heavy Metal, Metal Pesado e para a editora norte-americana Phantagraphics.

Um de seus trabalhos mais famosos na área de quadrinhos foi o roteiro e a edição de texto da revista Manticore pelo qual ganhou os prêmios Ângelo Agostini (melhor roteirista de 1999) e HQ Mix (melhor lançamento de terror).

Em 2010 foi um dos 50 quadrinistas escolhidos para participar do álbum MSP+50, em homenagem aos 50 anos de carreira de Maurício de Sousa.

**Mantem o blog Ideias de Jeca-tatu ([ivancarlo.blogspot.com](http://ivancarlo.blogspot.com)).**

